

HAYDEN WHITE, A IRONIA E OS HISTORIADORES

João Tristan Vargas*

Resumo: Este artigo indica e discute contradições e impasses na concepção de “meta-história” de Hayden White, focalizando seu conceito básico de tropos.

Abstract: This article indicates and discusses contradictions and impasses in the Hayden White’s “metahistory” conception, focusing his basic tropes concept.

Palavras-chave: Historiografia - História - Literatura - Hayden White

Pela importância que parte da academia lhe conferiu no quadro dos autores que abordam a questão dos procedimentos e pulsões não evidentes no discurso historiográfico, a obra de Hayden White (1992) exige uma análise detida. Minha intenção aqui é apresentar contradições e impasses que identifique em sua proposta teórica. A meu ver, isso interdita a aceitação dos termos em que coloca as relações entre história e literatura. Num primeiro momento, exponho o que acredito ser o fundamental daquela proposta; em seguida, passo à crítica.

I. A proposta teórica

White quer demonstrar que há um estágio “pré-crítico” em que o autor escolhe as “estratégias conceituais” pelas quais ordenará seus dados.

* Doutorando em História Social pela Unicamp.

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 3	37-50	1996
-----------------	---------------	------	-------	------

Essas estratégias tomam a forma de cada um dos quatro tropos da linguagem: metáfora, metonímia, sinédoque ou ironia. Como existe uma escolha, esse gesto é eminentemente poético: a ordenação dos dados parte de um momento primário de criação. O sentido de “poético” é dado aqui pelo termo grego ποιησις (poíesis) = criação. Como se vê, a posição do historiador aqui seria análoga à do literato.

Trata-se de um “nível profundo de consciência” (p. 12). Isto é, os autores estudados, de um modo ou de outro, sabiam o que estavam fazendo - de onde partiam, para onde iam. Os historiadores - Michelet, Ranke, Tocqueville, Burckhardt - não o explicitavam, mas os filósofos da história - Hegel, Marx, Nietzsche e Croce - sim: “o que permanece implícito nos historiadores é simplesmente levado à superfície e sistematicamente defendido nas obras dos grandes filósofos da história (...) Por isso é que foram capazes de compreender, de modo mais ou menos autoconsciente, os fundamentos poéticos, ou pelo menos lingüísticos, em que tiveram suas origens as teorias supostamente ‘científicas’ da historiografia do século XIX” (p. 13).

Portanto, White chama o nível inicial de elaboração de “pré-crítico” não porque seria um nível inconsciente, independente da vontade manifesta do autor, uma pulsão primeva, à moda de Girardet (1987), por exemplo, mas porque nesse estágio não haveria critérios universais válidos em que se apoiar para optar: “os melhores fundamentos para escolher uma perspectiva da história em lugar de outra são em última análise antes estéticos ou morais que epistemológicos” (p. 14). Daí a necessidade e a possibilidade de uma escolha.

Os tropos são, como se vê, estruturas lingüísticas irredutíveis e ineludíveis nos limites das quais o autor, consciente ou inconscientemente, está preso.

A partir daí, um autor só pode aspirar a uma “impressão explicativa”, isto é, uma coerência interna nos dados processados. Todo debate historiográfico, assim, torna-se inútil, porque impossível. Em última instância, cada

um escolhe sua perspectiva, num plano moral ou estético. E a moral e a estética dependem de escolhas pessoais. Aqui, o teórico parece render-se à sabedoria popular: gosto não se discute.

Feita a escolha, outras opções se apresentam na estratégia que um autor adota para alcançar a impressão explicativa. Esta desdobra-se em dois níveis: o nível dos tipos de explicação e o do modo de articulação de cada um desses tipos.

Em esquema temos:

Estruturas Básicas	Modos de Explicação	Modos de Articulação da Explicação
metáfora	argumentação formal	formismo organicismo mecanicismo contextualismo
metonímia	elaboração de enredo	história romanesca comédia tragédia sátira
sinédoque	implicação ideológica	anarquismo conservantismo radicalismo liberalismo

No nível da explicação, ele pode optar pela argumentação formal, pela elaboração de enredo ou pela implicação ideológica. Essa escolha já não tem caráter de exclusão: pode-se optar por uma só estratégia ou por uma combinação de estratégias. Mesmo porque da última não se pode fugir: toda obra tem uma implicação ideológica.

No nível dos modos de articulação da explicação, a escolha é excludente. Se optou pela argumentação formal, há que decidir pelo formismo, pelo organicismo, pelo mecanicismo ou pelo contextualismo. Se escolheu a elaboração de enredo, as opções se distribuem entre os “arquétipos” da história romanesca, da comédia, da tragédia e da sátira. Se a escolha foi a implicação ideológica, colocam-se diante do autor as “táticas” do anarquismo, do conservantismo, do radicalismo e do liberalismo.

O estilo historiográfico seria dado pela combinação de modos escolhidos por cada autor.

A combinação do esquema não é aleatória: “por exemplo, um enredo cômico não é compatível com um argumento mecanicista, assim como uma ideologia radical não é compatível com um enredo satírico”. Mas também não é necessária: há “afinidades eletivas” entre os vários modos ou estratégias. As afinidades baseiam-se nas “homologias estruturais” entre eles (pp. 43-4).

White fornece um quadro dessas afinidades:

Modo de Elaboração de Enredo	Modo de Argumentação	Modo de Implicação Ideológica
romanesco	formista	anarquista
trágico	mecanicista	radical
cômico	organicista	conservador
satírico	contextualista	liberal

Ele ressalva que pode haver uma “tensão dialética”, que surgiria da tentativa de conciliar um modo de elaboração de enredo e um modo de argumentação ou de implicação ideológica mutuamente incompatíveis. Michelet teria combinado enredo romanesco e argumentação formista com ideologia liberal. Burckhardt, um enredo satírico e um argumento contextualista com uma postura ideológica conservadora. Hegel teria construído o enredo em dois níveis distintos: “trágico no microcósmico e cômico no ma-

crocósmico”, justificados ambos por uma argumentação organicista. Daí adviria a possibilidade de se inferirem implicações ideológicas radicais ou conservadoras de seus escritos (p. 44).

II. A ironia e a maturidade

Note-se que, para White, o primeiro momento da ação criativa de um autor, o da opção por um tropo, dispõe balizas para as escolhas seguintes:

“no próprio uso lingüístico, o pensamento se abastece de possíveis paradigmas alternativos de explicação. A metáfora é representacional no sentido em que poderá sê-lo o formismo. A metonímia é redutiva à maneira mecanicista, enquanto a sinédoque é integrativa como o é o organicismo. A metáfora sanciona a prefiguração do mundo da experiência no plano da relação objeto-objeto, a metonímia no da relação parte-parte e a sinédoque no da relação objeto-todo. Cada tropo também promove o cultivo de um protocolo lingüístico único. Esses protocolos lingüísticos podem ser chamados de linguagens da identidade (metáfora), da extrinsecalidade (metonímia) e da intrinsecalidade (sinédoque)” (p. 50).

Sintomática é a ausência do tropo¹ ironia nesse trecho de síntese. A que modo de explicação corresponderia? White qualifica os outros três tropos de “ingênuos”, por pressuporem a “crença na capacidade da linguagem para apreender a natureza das coisas em termos figurados” (p. 50). A ironia, pelo contrário, seria metatropológica. Isto é, sua presença denotaria a consciência do “possível abuso da linguagem figurada”. Trata-se de um outro “estágio da consciência”, no qual é reconhecida “a natureza problemática da própria linguagem”. Pressuporia o colocar-se numa “perspectiva ‘realística’

¹ Na maioria dos manuais que consultei, a ironia não é classificada como tropo, que compreende as figuras de palavras; é colocada sob a rubrica de figuras de pensamento. Mas sigamos a nomenclatura de White.

da realidade, de onde se poderia oferecer uma representação não figurada do mundo da experiência” (p. 51). As análises perpassadas pelo modo irônico “parecem assinalar a ascensão do pensamento, numa dada área da investigação, a um nível de autoconsciência no qual se torna possível uma conceptualização do mundo e seus processos verdadeiramente ‘esclarecida’, isto é, autocrítica” (p. 51). A ironia representaria um modo de pensamento “radicalmente autocrítico com respeito não só a uma dada caracterização do mundo da experiência mas também ao próprio esforço de captar adequadamente a verdade das coisas na linguagem”. Daí adviria um “ceticismo no pensamento” e um “relativismo na ética” (p. 51). A ironia estaria “existencialmente projetada numa visão de mundo amadurecida” (p. 52).

Apesar de todas as aspás cuidadosamente colocadas em alguns termos mais comprometedores (“ingênuo”, “esclarecido”, “realístico”), White não pôde esconder sua eleição da ironia ao cume de um processo de amadurecimento do pensar histórico. Diz ele que “pensadores como Voltaire, Gibbon, Hume, Kant e Robertson tinham chegado finalmente a ver a história em termos essencialmente irônicos”, na fase final do Iluminismo (p. 52). Retomada, como reação ao relativismo e ao ceticismo dessa fase, a atitude ingênua (autoconsciente, segundo White), o pensamento histórico abre com essa postura uma nova fase, a primeira da “consciência histórica do século XIX”, que vai ter existência durante o primeiro terço desse século e que é representada pelas escolas romântica, idealista e positivista e por autores como Hegel e Auguste Comte. A segunda fase estende-se de 1830 a 1870 mais ou menos e é marcada pela presença dos “quatro grandes ‘mestres’ da historiografia oitocentista” - Michelet, Ranke, Tocqueville e Burckhardt - e por Marx. O último terço do século demarca a terceira fase, a da crise da consciência histórica, cujas figuras centrais, além de Burckhardt (que, ao que pude entender, atravessa a segunda fase e chega à terceira), são Nietzsche e Croce. Essa fase é marcada pela ironia, ao menos como problema.²

² Nietzsche abordaria o modo irônico como problema, através de uma estratégia metafórica (p. 55).

Trata-se, literalmente, de uma evolução (não uma evolução aleatória, mas, percebe-se, uma progressão), que parte de uma atitude ingênua e vai conquistando uma postura irônica, ao abandonar a dominância dos tropos da metáfora (Michelet), sinédoque (Ranke, Hegel), metonímia (Tocqueville, Marx) e ironia (Burckhardt, Croce). Citemos o emblemático trecho:

“Assim encarada, a evolução da filosofia da história - de Hegel, através de Marx e Nietzsche, a Croce - representa o mesmo desenvolvimento que se pode ver na evolução da historiografia, desde Michelet, através de Ranke e Tocqueville, a Burckhardt. As mesmas modalidades básicas de conceptualização aparecem tanto na filosofia da história quanto na historiografia, ainda que apareçam numa seqüência diferente em suas formas plenamente articuladas. O ponto importante é que, tomada como um todo, a filosofia da história termina na mesma situação irônica a que tinha chegado a historiografia no último terço do século XIX” (p. 55).

Dessa forma, a ausência de uma correlação explícita entre a ironia e algum determinado modo de argumentação vai se mostrando como uma recusa, em última análise, em evidenciar uma clara preferência por um dos modos, justo o ausente naquele trecho destacado na página 50, momentos atrás: o contextualismo.

Mas sua inclinação é visível, através de comentários que se pretendem absolutamente distanciados, mas que denotam claramente um juízo de valor: diz White que se podem encontrar exemplos de estratégia contextualista “em qualquer historiador digno deste nome, de Heródoto a Huizinga”, que esse modo “procura evitar tanto a tendência radicalmente dispersiva do formismo quanto as tendências abstrativas do organicismo e do mecanicismo” (p 33). Assim, representaria “uma combinação dos impulsos dispersivos que movem o formismo de um lado e os impulsos integrativos que inspiram o organicismo, do outro”.

Poder-se-ia objetar a essa conclusão que “a parcialidade está nos olhos de quem vê”, isto é, que somos nós que reputamos o contextualismo o

mais adequado, por isso achamos que as considerações de White têm caráter de positividade. Seja como for, não deixa de ser admirável e intrigante a capacidade do texto em conduzir o leitor para determinada conclusão, apenas manipulando noções do senso comum, do tipo de “nem tanto ao mar nem tanto à terra”, que apontam para a ponderação, a prudência, o equilíbrio, qualidades valorizadas em extensas esferas da atividade humana.

Reforçando sua postura de suposta imparcialidade, ele aponta a hostilidade dos historiadores profissionais em relação ao organicismo e mecanicismo, observando que seus motivos “continuam obscuros”. Afirma que estes devem estar “em considerações de tipo especificamente extra-epistemológico”, já que, “admitida a natureza protocientífica dos estudos históricos, não há fundamentos epistemológicos apodícticos para a preferência de um modo de explicação sobre outro” (p. 35). Tratar-se-ia de um preconceito acadêmico: pode-se admitir que organicismo e mecanicismo apresentem percepções de processos no mundo natural e social que não podem ser obtidas pelo formismo e pelo contextualismo. Aceita esta afirmação, impõe-se o fundamento extra-epistemológico da exclusão do organicismo e do mecanicismo da ortodoxia historiográfica.

É evidente que White não poderia manifestar preferência por uma determinada estratégia explicativa. Além de identificar-se à postura dominante do *establishment* acadêmico, sua estratégia essencialmente classificatória seria denunciável como qualificatória. E aí, para justificar uma preferência, seria obrigado a descer à vala comum do debate historiográfico, abandonando sua posição de exterioridade.

III. O retorno da ironia

Essa é a posição clássica do discurso “científico” nos estudos do homem, desde Montesquieu (aliás, um irônico), pelo menos. Não contribui em nada para a crítica da exclusão do imaginário da análise discursiva. Ironica-

mente sua elaboração de enredo³ cômica⁴ (a estória termina com a dominância do contextualismo, que representa um compromisso entre os dois pólos em luta - o dispersivo e o integrativo) tem uma conotação irônica: os esforços de superação de uma disposição de espírito irônica, passando pelos modos formista, organicista e mecanicista, acabam por desembocar numa nova e persistente atitude irônica, representada, no século XIX, pelo contextualismo na historiografia, atitude que prossegue, na atualidade, numa seqüência que vai “de Valéry e Heidegger a Sartre, Lévy-Strauss e Michel Foucault”, por exemplo (p. 17).

Tendo como efeito apresentar a atitude irônica como o ápice e conclusão (cíclica?) do amadurecimento conflitivo do pensamento historiográfico, sua estratégia irônica⁵ parece ter-se voltado, ironicamente, contra sua pretensão de voltar a consciência irônica contra a própria ironia, como o seria se mostrasse que “esta disposição de espírito é por sua vez apenas uma dentre muitas posturas possíveis a adotar diante do registro histórico”, o que proporcionaria “alguns dos motivos para uma rejeição da própria ironia” (pp. 14-5).

³ Sintetizada no tópico “As fases da consciência histórica do século XIX”, pp. 52-6.

⁴ Comédia é a “forma de enredo que tem como tema central a idéia de reconciliação” (p. 42, grifos no original). “Forma sublimada” de “arquetipo mítico”, na comédia, “a esperança do temporário triunfo do homem sobre seu mundo é oferecida pela perspectiva de reconciliações ocasionais das forças em jogo nos mundos social e natural” (p. 24, grifos no original).

⁵ A ironia é “um modelo do protocolo lingüístico em que o ceticismo no pensamento e o relativismo na ética são convencionalmente expressos” (p. 51). Cético quanto à possibilidade de debate entre histórias estruturadas num ou noutro tropo, colocando-se assim num ponto de vista relativista, a atitude de White, se usarmos sua própria terminologia, aparece, num primeiro plano, como fundamentalmente irônica. Num segundo plano, como afirmei, mostra-se cômica.

IV. Um verso com pé quebrado

Essa rejeição do objetivo e da postura de White não implica uma ojeriza a todas as suas proposições. Pelo contrário, a obra de White tem o mérito de mostrar que o uso das figuras (metáfora, metonímia, sinédoque e ironia) não pode deixar de ser abordado como um problema pelos historiadores.

Mas alguns reparos têm de ser feitos à definição dos tropos por White. Refiro-me à sua concepção de metonímia e sinédoque.

1. Ele dá como exemplo de metonímia a expressão “cinquenta velas”, que, significando “cinquenta navios”, equivale a uma redução do todo a uma de suas partes. Mas essa é precisamente a definição de sinédoque em todos os manuais que compulsei.⁶

2. Portanto, sua definição de metonímia e sinédoque é uma criação altamente idiossincrásica. Podemos notar que ele não tem consciência disso e que, pelo contrário, acha estar representando o paradigma universal, quando se refere à concepção de Émile Benveniste, em “Remarks on the function of language in Freudian theory”, esta mais de acordo com a definição corrente.⁷ Sua estranheza é assinalada por um “sic” no ponto em que esse autor define sinédoque. Vejamos a citação: “(...) o que a retórica tradicional chama de metonímia (o continente pelo conteúdo) e sinédoque (a parte pelo todo) [sic]”.

O constrangimento é tal que não sei o que comentar nesse caso.⁸

⁶ Todorov, 1973; Terra, s.d.; Faraco, 1990; André, 1978; Lima, 1962.

⁷ White, na página 46, nota 13, de seu livro, fornece a referência do texto: Benveniste, Émile, 1971. “Remarks...” In: *Problems of general linguistics*, Flórida, Coral Gables. O trecho citado está na página 87 do original em francês (Benveniste, 1966).

⁸ É preciso lembrar que, pelo menos desde a década de sessenta, teóricos da literatura brasileira como Antonio Cândido não fazem distinção entre metonímia e sinédoque, admitindo apenas a primeira denominação para os casos que, em outras leituras, se colocariam sob esta rubrica. Porém, como White emprega a classificação tradicional, tive que me ater a esta, na presente crítica. Quanto à concepção de

Se se tratasse de conscientemente inaugurar uma nova definição, tão contrária aos parâmetros estabelecidos, seria o caso de explicitar a intenção e estabelecer uma discussão com os representantes da outra maneira de definir. Se se tratasse de uma definição particularíssima, mas já estabelecida por outros antes dele, dar-se-ia ocasião para citar o(s) autor(es) em que ele se baseou. O fato de não ter feito nem uma coisa nem outra mostra que ele dava por amplamente aceitas as definições que usa, pelo menos em seu núcleo.⁹

3. Sinédoque, para White, seria a utilização da parte para “simbolizar alguma qualidade que se presume seja inerente à totalidade, como na expressão ele é todo coração” (grifo meu). Isto é, a parte é um símbolo de uma qualidade que perpassa o todo. Pelas definições correntes, este não seria o caso da sinédoque propriamente dita, mas, talvez, de um tipo de sinédoque.

V. Há algo além de metáforas?

Parece não haver dúvidas: White criou suas próprias definições. Observando mais de perto os desdobramentos de seu raciocínio, pode-se questionar o que representa, em avanço teórico, a referência aos tropos.

Referindo-se ao exemplo das “cinquenta velas”, expressão dada por ele como metonímica, diz que, aí, “sugere-se que os ‘navios’ são em certo sentido identificáveis com aquela parte deles mesmos sem a qual não podem operar” (p. 49). Algo que é composto de partes e que (se) opera. Isto é, algo

Cândido, baseio-me em consulta à Professora Marlei Silva, colaboradora no *Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (1992), que frequentou suas aulas no período, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

⁹ Este é o motivo por que fiz questão de me referenciar em manuais sobre o assunto (citados na nota anterior) e não em obras acadêmicas mais específicas.

em que as partes (ou peças) têm movimento encadeado. A imagem que se forma é óbvia: o mecanismo.¹⁰ A ela, pois, se associa a metonímia.

Vejamos como White define sua sinédoque, no seguinte trecho, em que esta é confrontada à metonímia:

“Mas a relação essencialmente extrínseca que se presume caracterizar as duas ordens de fenômenos em todas as reduções metonímicas pode, por sinédoque, ser interpretada à maneira de uma relação intrínseca de qualidades compartilhadas. A metonímia afirma uma diferença entre fenômenos interpretada à maneira de relações parte-parte. A “parte” da experiência que é apreendida como “efeito” relaciona-se com aquela “parte” da experiência que é apreendida como “causa” à maneira de uma redução. Pelo tropo da sinédoque, porém, é possível interpretar as duas partes à maneira de uma integração dentro de um todo que é qualitativamente diferente da soma das partes e do qual as partes são apenas réplicas microcósmicas” (p. 49, grifos no original).

Confirma-se a correspondência entre metonímia e imagem mecânica e se torna nítida a relação entre “sinédoque” e imagem orgânica. O próprio autor explicita esses nexos, como vimos no trecho da página 50 citado mais atrás: “A metonímia é redutiva à maneira mecanicista, enquanto a sinédoque é integrativa como o é o organicismo”.

White parece ter sido conduzido a criar noções idiossincrásicas das figuras de linguagem devido ao desejo de encontrar raízes estruturais fundadas no uso da língua para as formas de pensamento, único modo de colocar-se numa posição equidistante entre as várias atitudes historiográficas, já que,

¹⁰ O autor dá também como metonímica a expressão “o estrondo do trovão”. Para nós, brasileiros, a afirmação soa absurda. A palavra portuguesa “trovão” designa exatamente estrondo, causado pela descarga de eletricidade no ar. A frase citada, portanto, é tão somente pleonástica, nada tendo de metonímica. É preciso retornar ao original em inglês e considerar a expressão “roar of thunder”, **roar** designando “estrondo” e **thunder**, não apenas estrondo causado por descarga de eletricidade atmosférica, mas também raio (White, 1992, p. 49 e White, 1987, p. 35).

em tendo, estas, aquelas raízes, não haveria como escolher entre elas. Para encontrar tais raízes, tal solo irreduzível, seria preciso que as imagens mecânica e orgânica, tão marcantes na produção historiográfica do século XIX, período por ele focado, fossem assimiladas pela estrutura dos tropos. Daí, talvez, a origem do modo peculiar com que os define.

Não vou me deter aqui na discussão da validade dos postulados estruturalistas. Afirmo apenas que os propósitos de White, neles inspirados, levaram a uma violência para com as definições legitimamente compartilhadas de forma ampla (não só) pela comunidade acadêmica, sem alcançar transcender aquilo para o que suas definições de metonímia e sinédoque apontavam: as metáforas, respectivamente, mecânica e orgânica.

Essas metáforas são de conhecimento de qualquer analista “que mereça esse nome”, mas não se reduzem nem à definição convencional de metonímia e sinédoque, nem à heterodoxa de White.

White claudica nas quatro colunas básicas em que fundamenta seu argumento: os tropos. Com estes, pretendia transcender fronteiras entre história e literatura. Ele tentou ir além da definição de metáfora nas obras de história. Se é possível falar em metáfora, por que não, em sinédoque, metonímia, ironia? Proposta em si interessante.¹¹ Mas, dos três primeiros e “ingênuos” tropos, afinal, sinédoque e metonímia acabam por se mostrar, a uma aproximação mais detida, redutíveis às metáforas orgânica e mecânica. A ironia é sugerida como alternativa amadurecida, pelo ceticismo em relação à própria possibilidade de a linguagem captar o agir. (No fundamento desta separação entre linguagem e ação, que temos, afinal, senão uma visão lhanamente dicotômica? A própria escrita não é, também, ação?)

Em que se avançou? Parece mais apropriado falar em retrocesso. Não haveria mais sentido num debate entre diferentes abordagens do passado, já que todas seriam igualmente legítimas. A representação do passado deixa de

¹¹ Sua visão dos modos de “elaboração de enredo” é, também, se tomada à parte de outras ramificações de sua análise, um contributo válido, embora não possa reivindicar foros de originalidade fundante.

ser uma região de disputa, de conflito, de luta. O uso deste ou daquele recurso dado pela linguagem já não pode ser identificado como meio para selecionar pontos de enfoque, para construir quadros parciais. A construção de outros quadros, focalizando-se pontos deixados na sombra por outras representações, já não teria, em si, força para combatê-las. A relação entre escrita e ação já não se colocaria.

Ao invés de novos meios para afinar a percepção do historiador, são-lhe oferecidas irônicas cadeias. Nós as devolvemos, agradecidos. A ironia pode ser paralisante. Isso White nos ensinou.

Bibliografia

- ANDRÉ, Hildebrando A. de, 1978. *Gramática ilustrada*. São Paulo, Moderna.
- BENVENISTE, Émile, 1966. “Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne”. In: BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. S.l., Gallimard.
- FARACO, E. Carlos & MOURA, F. Marto, 1990. *Gramática*. São Paulo, Ática.
- GIRARDET, Raoul, 1987. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LIMA, Carlos H. da Rocha, 1962. *Gramática ilustrada*. São Paulo, Moderna.
- TERRA, Ernani, s.d. *Curso prático de Gramática*. São Paulo, Scipione.
- TODOROV, Tzvetan & DUCROT, Oswald, 1973. *Dicionário das ciências da linguagem*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- WHITE, Hayden, 1992. *Meta-história: a imaginação histórica da Europa do século XIX*. São Paulo, Edusp.
- WHITE, Hayden, 1987. *Metahistory: the Historical Imagination in Nineteenth-century Europe*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press.